



TikTokização Docente: Algoritmização da Vida e Colonialidade do Ser

Clécia Dantas Santos

IFSP, Cubatão, SP, Brasil

João Caetano da Silva Neto

IFSP, Cubatão, SP, Brasil

Rubens Lacerda de Sá

IFSP, Cubatão, SP, Brasil

Resumo: Considerando a existência de um movimento de precarização do trabalho docente na produção de conteúdo didático em plataformas digitais, percebemos que a rede social *TikTok* abriga inúmeros perfis de docentes que produzem conteúdos em diferentes áreas. Pressupomos que se trata do equivalente à uberização da docência e, desta maneira, objetivamos investigar como esse processo se relaciona e carrega marcas do colonialismo no sistema de educação. Para tanto, procedemos à releitura da Teoria Fundamentada para os Estudos de Linguagem para a coleta e organização dos dados na rede social em tela. A teoria da algoritmização da vida (Ruiz, 2021) e a topologia do ser (Maldonado-Torres, 2009) constituem a base do arcabouço teórico deste trabalho. As análises apontaram para práticas docentes vinculadas à lógica cartesiana de produção de conhecimento, porém condicionadas à gerência de algoritmos, o que nos permite concluir que há, *ipso facto*, um processo de uberização docente que contribui para o desmantelamento da educação.

Palavras-chave: Uberização. *TikTok*. Precarização da Docência.

Abstract: Considering the existence of a movement towards the precarity of the teaching activities in the production of educational content on digital platforms, we realised that the social network *TikTok* houses numerous profiles of teachers who produce content in different areas. We assumed that this was equivalent to the uberization of teaching and, thus, we aimed at investigating how this process related to the marks of colonialism in the educational system. To this end, we reread the Grounded Theory with the Language Studies on the focus so as to collect and organise data on the social network in question. The theory of the algorithmization of life (Ruiz, 2021) and the topology of being (Maldonado-Torres, 2009) constitute the basis of the theoretical framework of this research. The analysis pointed to teaching practices linked to the Cartesian logic of knowledge production, however conditioned to the management of algorithms, which allowed us to conclude that there was, *ipso*

facto, an ongoing process of uberization of teaching which contributes to the dismantling of education.

Keywords: Uberization. *TikTok*. Teaching Precarity.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa¹ tem como objetivo abordar o tema da uberização docente relacionando-a com a plataforma digital *TikTok*. Buscamos, também, compreender de que maneira os discursos produzidos dentro dessa rede social contribuem para a manutenção da colonialidade na educação. A partir da leitura do texto “Uberização do trabalho na América Latina: Os entregadores *delivery* na pandemia” (Santos, 2020), que tem como objetivo abordar como o aplicativo Uber explora a classe trabalhadora de motoristas e entregadores, notamos a adesão à lógica neoliberal que se vale do fácil acesso à tecnológica em tela e que pretensamente favorece tanto o motorista do aplicativo como o usuário.

Percebemos que outro aplicativo bastante semelhante à lógica de trabalho da Uber é o *TikTok*. Nele, o conteúdo é produzido a partir dos aparatos tecnológicos que o dono do perfil possui. Isso o assemelha ao Uber, pois para trabalhar é necessário que o motorista tenha seu próprio carro para atender aos chamados dos clientes. A diferença é que ele recebe uma porcentagem do valor integral de cada corrida, enquanto, no *TikTok*, quem produz o conteúdo só ganha dinheiro caso seu perfil tenha acima de 10 mil seguidores e mais de 1 milhão de visualizações no mês da postagem. Vemos, então, que as condições laborais dentro dessas duas plataformas digitais são muito similares, apesar de a finalidade do *TikTok* não ser um ambiente de trabalho, mas sim uma rede social de compartilhamento de vídeos.

Nosso interesse pelo *TikTok* se deu com o fito de entender como o trabalho docente estava em processo de uberização e se materializava nessa rede social. Levamos em consideração o fato de estarmos em um curso de licenciatura e começando a engatinhar na profissão. Por isso, decidimos investigar os perfis de usuários que se identificavam como docentes e, de fato já haviam atuado em algum momento em instituições de ensino, mas que agora exerciam a maior parte de suas atividades docentes através da disponibilização de conteúdos no *TikTok*.

¹ Este texto é um recorte do trabalho de conclusão de curso de Santos & Silva Neto (2022) orientado por Rubens Lacerda de Sá, que respeitou o estilo de escrita e escolhas textuais das orientandas.

O *TikTok* iniciou suas atividades no Brasil por volta de 2018, mas consolidou sua atividades no país somente em 2019. A pandemia de Covid-19 impulsionou a adesão de usuários e criadores de conteúdos nessa rede social cujo público-alvo era sobretudo os jovens. Atualmente, o *TikTok* possui mais de 1.1 bilhão de usuários no mundo todo sendo mais de 84 milhões de brasileiros². Essas cifras tornaram essa plataforma muito atrativa para ganhos com a publicação de conteúdos educativos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico adotado para este trabalho adere aos pressupostos da releitura da Teoria Fundamentada para os estudos de linguagem (Sá, 2019; 2021) que culmina na Metodologia Arqueológica dos Dados (MAD) (Sá, 2023).

Inicialmente, fizemos um recorte de tempo para melhor investigar os discursos dos docentes em seus vídeos na plataforma *TikTok*. Escolhemos os meses de junho e dezembro de 2021, pois o advento da pandemia do Covid-19 agudizou os problemas de ordem estrutural, social, política e econômica, que já existiam na sociedade brasileira. Após o recorte temporal, selecionamos 20 perfis dos docentes, mas estabelecemos como critério apenas aqueles que, em suas postagens, promoviam o ensino de conteúdo educativo em vídeos curtos, que eram frequentes em suas postagens e que possuíam mais uma média de 500 mil seguidores. Com isso restaram apenas 4 docentes para o período que escolhemos.

Com a composição do *corpus* a partir dos vídeos, iniciamos o processo de transcrição dos enunciados, totalizando 86 enunciados de diferentes docentes que postaram conteúdos educativos no *TikTok* no período indicado. A tabela a seguir demonstra como foi o início do processo de organização dos dados.

Tabela 1 - Organização dos Dados

PERFIL/ DISCIPLINA	SEGUIDORES	PERÍODO	DATA	LINK	ENUNCIADO/ O QUE FOI POSTADO	hiperônimo	hipônimo	MEMOS
NOME DO PERFIL E ÁREA DO CONHECIMENTO	QUANTIDADE DE SEGUIDORES	PERÍODO DE ANÁLISE	DATA DA POSTAGEM	LINK DA POSTAGEM	TRANSCRIÇÃO DO ENUNCIADO	CATEGORIA	SUBCATEGORIA	

Fonte: Santos & Silva Neto, 2022

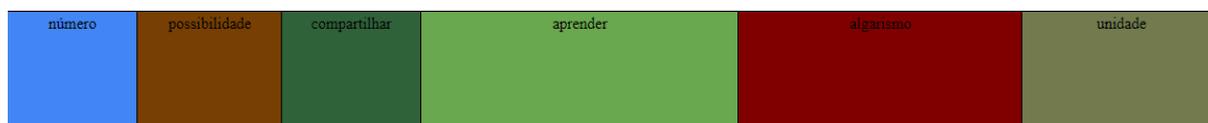
As transcrições dos *TikTok* dos usuários que selecionamos foram realizadas com um recurso da plataforma *Word*, o comando transcrever, que, ao ser ativado,

² Informação disponível em <https://datareportal.com/essential-tiktok-stats>. Acesso em 31/03/2024.

transcreveu precisamente as falas dos vídeos. Alguns dos *TikTok* que selecionamos para a transcrição não possuíam falas, apenas gestos e palavras escritas. Portanto, transcrevemos com o enfoque em descrever as falas e as ações dos indivíduos levando em consideração os aspectos audiovisuais apresentados.

O passo seguinte na organização dos dados foi a categorização desses enunciados em uma tabela, separando-os em hiperônimos, que se referem as categorias principais inferidas a partir dos vídeos e enunciados transcritos, e hipônimos³, que se referem a mais de uma categoria secundária que foi possível inferir dos enunciados transcritos. Entendemos que esse exercício foi importante para a compreensão dos enunciados, pois a intenção era a de destrinchar os elementos separadamente para preencher as colunas hiperônimo e hipônimo.

Tabela 2 - Organização dos Dados



número	possibilidade	compartilhar	aprender	algarismo	unidade
--------	---------------	--------------	----------	-----------	---------

Fonte: Santos & Silva Neto, 2022

A tabela 2 exemplifica como as palavras contidas nos hiperônimos e hipônimos foram organizadas em cores diferentes para, no fim, formularmos um gráfico que pudesse mostrar quais eram as informações mais frequentes nesses enunciados. Por fim, concluímos o processo com cerca de 86 enunciados transcritos e com seus respectivos hipônimos e hiperônimos. Apenas 16 enunciados transcritos foram deixados de lado, pois não se enquadraram nos critérios da pesquisa.

Elaboramos, também, dois gráficos, um com a contagem de hiperônimos e outro com a contagem de hipônimos, para visualizarmos com mais facilidade quais palavras dos enunciados transcritos saltavam com mais frequência aos olhos e, assim, podermos avançar para a análise mais precisa dos dados. A categorização dos hiperônimos dos enunciados transcritos foi realizada levando em consideração o seguinte critério: o assunto geral explícito no vídeo, ou seja, no enunciado. Para a seleção dos hipônimos, levamos em consideração as subcategorias presentes nos enunciados para cada hiperônimo.

³ Hiperônimos e hipônimos não se vinculam *ipsis litteris* a seu sentido semântico-gramatical.

Gráfico 1 - Hiperônimos

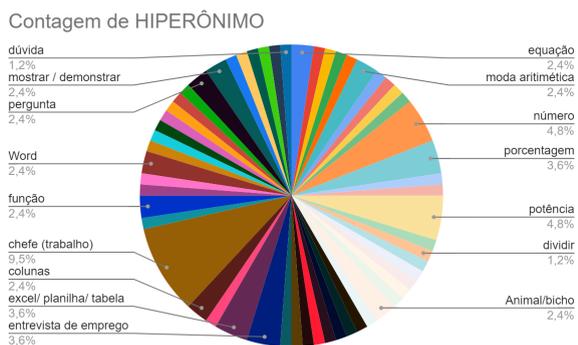
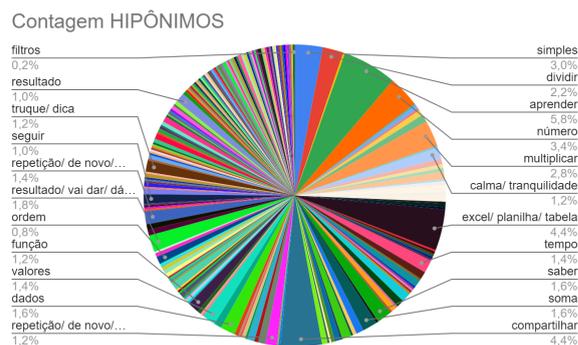


Gráfico 2 - Hipônimos



Fonte: Santos & Silva Neto, 2022

O processo de codificação de hiperônimos e hipônimos foi pendular e realizado a partir da dinâmica do movimento indutivo-dedutivo para organização de dados (Bacon, 1620; Descartes, 1979; Sá, 2023). Com essa dinâmica, foi possível categorizar e recategorizar os hiperônimos e hipônimos até o ponto de saturação, ou seja, alcançar a “mais alta redundância e similaridade informacional” sem que surjam novas contribuições e possibilitem, assim, “a vinculação de conceitos e semelhantes em diferentes instâncias, contextos e eventos” (Sá, 2023, p. 14).

Durante o movimento indutivo-dedutivo de organização dos dados, foi-nos possível inferir algumas possibilidades teóricas que, ao nosso ver, talvez pudessem contribuir para análise posterior dos dados. Entretanto, estávamos cientes de que nosso olhar talvez já pudesse estar enviesado por outras tantas teorias que nos atravessaram antes e que poderiam comprometer a fidedignidade da análise. Assim, fizemos anotações de campo e memorandos que nos ajudaram a pensar nessas possibilidades teóricas para posterior discussão com nosso pares. Dentre tais possibilidades, ressaltamos que pensamos nos pressupostos da Pedagogia do Oprimido (Freire, 2013), no Curso de Midiologia Geral (Debray, 1993), na Uberização do Trabalho Docente (Silva, 2019), bem como nos pensamentos de Giroux (1997) sobre a prática docente.

Isso nos levou ao estágio seguinte de nosso desenho metodológico que foi a transubjetivação, ou seja, o momento em que compartilhamos nosso *corpus* já organizado, memorandos e notas de campo com os integrantes do Grupo Interdisciplinar em Estudos de Linguagem (GIEL/CNPq) para ouvir suas considerações e impressões sobre caminhos teóricos possíveis a partir dos dados.

Durante o encontro on-line síncrono para transubjetivação com os participantes do GP, foram sugeridas diversas possibilidades sob a ótica dos investigadores, e.g. Teoria dos Gêneros (Bakhtin, 2003), Modernidade Líquida (Bauman, 2000), Biopolítica (Foucault, 2002), Algoritimização da Vida (Ruiz, 2021) e Topologia do Ser (Maldonado-Torres, 2009). Após intensas considerações e debates, o consenso foi que os dados de nosso *corpus* apontavam com clareza para as duas últimas.

Até aqui, procuramos resumir nosso percurso metodológico para que o leitor entendesse de onde partimos e o caminho percorrido em nossa pesquisa.

ARCABOUÇO TEÓRICO

Após a conclusão da dinâmica da metodologia arqueológica de dados utilizada nesta pesquisa (Sá 2023), entendemos que a compreensão de nosso fenômeno passaria pelos princípios orientadores sobre a algoritimização da vida (Ruiz, 2021) e pela topologia ou colonialidade do ser (Maldonado-Torres, 2009).

Para falar de algoritimização da vida, precisamos entender minimamente que as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) englobam a internet, os computadores, os smartphones, os softwares, câmeras fotográficas, dentre outras ferramentas. Foi necessário compreender, ainda que superficialmente, que essas ferramentas possuem artefatos poderosos para identificar, personalizar e controlar digitalmente os indivíduos (Trivinho, 2005). Assim, fizemos, em nossa pesquisa, uma incursão mais aprofundada sobre a Indústria 4.0 e como a escravização digital é operacionalizada (Antunes, 2020), como os *cookies* funcionam como um tipo filtro invisível (Pariser, 2011) para que pudéssemos, por fim, trazer à luz o que se refere o processo de algoritimização da vida (Ruiz, 2021).

Na Alemanha, em 2011, surge como proposta a Indústria 4.0., também chamada de Quarta Revolução Industrial, responsável por “gerar um profundo e novo salto tecnológico no mundo produtivo”, sendo ampliada a partir dos processos ainda mais automatizados e robotizados, de modo que a logística empresarial seja completamente “controlada digitalmente” (Antunes, 2020, p. 13).

Com a expansão da Indústria 4.0, percebe-se que surge um movimento transformador nas relações de trabalho, ligados diretamente ao uso das NTICs, os quais ampliaram os processos da “precarização da força de trabalho em amplitude global” (Antunes, 2020, p. 65). Esse movimento é marcado pela universalização do

termo “uberização do trabalho”, que surge das plataformas digitais, como a Uber e suas semelhantes, e que são moldadas a partir de um novo modelo econômico.

Uma façanha predominante nessa expansão refere-se aos dados dos indivíduos, que são capturados instantaneamente através de seu perfil como usuário das NTICs. Esses dados se tornaram produtos para as empresas e são utilizados para condicionar ou prever as nossas escolhas, vontades e necessidades. O capitalismo de plataforma contribui para o altamente lucrativo mercado de dados tornando-se, assim, um dos principais modelos mercadológicos do capitalismo contemporâneo. A vida passa a ser medida em dados (Couldry e Mejias, 2019).

Por essa razão que todas as páginas da *web* ou aplicativos de *smartphone* conseguem extrair nossas pesquisas e preferências de uso a partir de uma ferramenta chamada *cookies*⁴. O nome dessa ferramenta, segundo Marcel Verrumo (2017, p. 23), surgiu do popular britânico em que a ideia se tornou uma gíria para “pessoa de um determinado tipo”, em outras palavras, uma figura ou estereótipo. Os *cookies* foram feitos para traçar o perfil do usuário. Pariser (2011) relata que o mundo digital se tornou uma ferramenta poderosa dedicada a coletar e analisar nossos dados constantemente. O autor destaca que:

[...] os cinquenta sites mais visitados da internet, sejam eles a CNN, o Yahoo ou o MSN, instalam cada um, em média, 64 *cookies* repletos de dados e *beacons* de rastreamento pessoal. Se buscarmos uma palavra como “depressão” no Dictionary.com, o site irá instalar 223 *cookies* e *beacons* de rastreamento em nosso computador, para que outros sites possam nos apresentar anúncios de antidepressivos (Pariser, 2011, p. 9).

Os filtros invisíveis, como os *cookies*, tornaram-se uma ferramenta crucial para que a Indústria 4.0 fizesse com que as informações e dados pessoais dos usuários se consolidassem como produto para empresas de diversos segmentos, como as GAFAM⁵. Desse modo, os algoritmos para atuar na “imbricação e no modo de ser dos sujeitos” que são atravessados pelas NTICs, capturando, de forma “intencional e estratégica”, os comportamentos e desejos sociais (Ruiz, 2021, p. 7).

As tecnologias e os saberes nunca estiveram indiferentes ao modo de vida dos seres humanos, de maneira que “as tecnologias atravessam os sujeitos que as

⁴ Os cookies nada mais são que arquivos de texto simples enviados por um site ao seu navegador. Eles armazenam anonimamente seus dados e salvam as suas preferências em relação a idiomas, dados de login, entre outros (SALESFORCE, s.d).

⁵ GAFAM é um acrônimo para as empresas gigantes do mundo digital, a saber, *Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft* (CASSINO et al. 2021, p. 8).

utilizam a tal ponto que produzem o próprio modo de ser do sujeito” (Ruiz, 2021, p. 6). O sujeito algoritmizado não consegue enxergar explicitamente a conduta do algoritmo, pois ele é capaz de se adequar cada vez mais ao comportamento do usuário. A partir disso, mais uma vez, o trabalho das plataformas digitais funciona como mecanismos que permitem a extração e utilização de dados, facilitando a conexão com anunciantes e empresas (Cassino *et al.* 2021).

Ruiz (2021, p. 5) expande sua reflexão sobre o mercado personalizado e os meios de produção trazendo à tona a ideia de “uberização das relações” e os “novos empresários de si”. Esses termos entrelaçam-se com o início de nossa pesquisa, quando falamos da precarização do trabalho docente e colocamos em pauta a produção de conteúdo educativo por docentes na plataforma *TikTok*.

O *TikTok* é uma dessas plataformas que aprende sobre o comportamento dos usuários em pouco tempo de uso, sendo capaz de apresentar conteúdos que sejam do interesse deles⁶. Sem citar especificamente a plataforma que faz parte do *corpus* de nossa pesquisa, Ruiz (2021) expressa exatamente o atravessamento conduzido pela rede social: o indivíduo é capturado pelos algoritmos em suas preferências, desejos, pesquisas e se acostuma com as decisões que ele vai tomando.

Por isso, no universo da rede social curiosamente nos deparamos com vídeos curtos de docentes que criam conteúdos voltados para o ensino de uma área do conhecimento específica, com a intenção de alcançar um público-alvo jovem com necessidades bem definidas, como estudantes que são vestibulandos ou procuram ampliar seu conhecimento acerca de uma disciplina ou objeto de estudo. Desse modo, é justificável a compreensão desse processo de algoritmização da vida para que possamos entender os dados coletados para nossa pesquisa.

Igualmente relevante como referencial teórico de nossa pesquisa é entender alguns aspectos centrais, ainda que superficialmente, da continuidade do processo colonialista e suas marcas no sistema educacional brasileiro. Os estudos sobre a colonialidade surgiram de forma mais sistematizada e com mais ímpeto no século XX, a fim de analisar as consequências da colonização tanto nos países colonizados quanto nos países colonizadores e a continuidade desse processo (Ballestrin, 2014).

⁶ Segundo a página de política de privacidade do *TikTok*, a empresa declara que faz uso dos *cookies* para personalizar a experiência do usuário: “Nós e nossos fornecedores e prestadores de serviços usamos cookies e outras tecnologias semelhantes para coletar informações automaticamente, medir e analisar em quais páginas da web você clica e como usa a Plataforma, para aprimorar sua experiência no uso da plataforma, aprimorar nossos serviços e oferecer publicidade personalizada na Plataforma e em outros lugares em seus dispositivos” (TikTok, 2022).

Grosfoguel (2016), em seu trabalho, destaca que, para além do genocídio de judeus-muçulmanos, indígenas, africanos e mulheres no período pré e durante a colonização europeia na construção do sistema-mundo moderno, houve também o sistemático epistemicídio de saberes locais de povos conquistados e exterminados.

Aníbal Quijano (2005; 2009) demonstra, por meio de uma linha do tempo histórica, que, após a conquista das Américas, a matriz das relações de poder que se estabeleceram nas sociedades latino-americanas foram construídas a partir do prisma eurocêntrico colonial moderno capitalista e racista. Edgardo Lander (2005) nos ajuda a pensar em outro aspecto dessa matriz de poder, que se refere à da colonialidade do saber, ecoando o epistemicídio denunciado por Grosfoguel (2016). Entretanto, Lander (2005) amplia o tema ressaltando que a instauração, bem como a manutenção da colonialidade do saber se relaciona a dois processos importantes, a saber, as separações que ocorreram historicamente no ocidente com as relações de poder coloniais ou imperiais e, em um segundo momento, como os conhecimentos modernos foram tomando forma sob essas estruturas sociais.

Por fim, e para os fins a que se destina essa pesquisa, temos a topologia ou colonialidade do ser (Maldonado-Torres, 2009). Para o filósofo não é possível desvincular-se da matriz da colonialidade do poder e do saber. Antes, é preciso levar em consideração as contribuições que essas oferecem para entender o mito da modernidade, pois é nessa esteira que surge a categoria colonialidade do ser.

Para Maldonado-Torres (2009, p. 363) “a colonialidade do ser refere-se ao processo pelo qual o senso comum e a tradição são marcados por dinâmicas de poder de carácter preferencial: discriminam pessoas e tomam por alvo determinadas comunidades”. Parafrazeando o que o próprio filósofo destaca para justificar seu objetivo, ressaltamos que as raízes desse projeto colonialista do ser se funda em uma visão cartográfica imperial racista e excludente que busca separar aqueles que são abençoados, ou que possuem sabedoria que os habilita a ser superiores, daqueles que são inferiores e, por conseguinte, amaldiçoados a uma condição subalternizada. Esse projeto colonialista e supremacista do ser, ou melhor, de alguns seres em detrimento de outros, está enraizado no carácter constitutivo da colonialidade e do projecto do mito universalista da modernidade europeia.

Portanto, nosso entendimento é que o processo de plataformação, algoritmização e, por conseguinte, uberização da atividade docente por meio do, e.g. *TikTok*, é mais uma ferramenta de opressão e seleção de vidas a serem

excluídas de um processo educacional de qualidade, justo e digno. Para exemplificar o desenho metodológico adotado, bem como a ancoragem teórica da pesquisa da qual este artigo se origina, apresentamos um exemplo de análise de enunciado.

Trazemos como exemplo apenas um dos perfis selecionados, o do Professor Noslen, voltado para o ensino de Português, com cerca de 745 mil seguidores e mais de 5 milhões de curtidas no total⁷. Uma particularidade do usuário é que ele também é conhecido por sua produção de conteúdo em outra plataforma digital, o *YouTube*. Além disso, esse professor produz os seus vídeos no *TikTok* com humor, *trends*, o assunto do momento e movimentos sutis de dança.

Enunciado 6 - Professor Noslen

Respondendo a uma **pergunta** de um **aluno**/seguidor: "Queria **saber** sobre **período composto** por subordinação." o professor responde: "Período composto por subordinação: **basicamente**, eu tenho no mínimo duas **orações** que estão juntas e elas tem **relação** de dependência uma da outra. Ou seja, uma oração é subordinada a outra, depende da outra para ter **sentido** completo. Beleza?"

Fonte: Santos & Silva Neto, 2022

A partir do enunciado 6, em que o docente se dispõe a responder a uma pergunta, percebemos que a construção do conhecimento sobre o assunto “período composto por subordinação” se desenvolve de maneira superficial, corroborando, assim, com algumas “tendências instrumentalistas e monológicas da modernidade” (Maldonado-Torres, 2009, p. 352), pois o vídeo não apresenta exemplos concretos sobre o objeto de conhecimento. Por isso, percebe-se que o professor também se adequa a uma prática uberizada em seu comportamento, pois ele poderia, por exemplo, utilizar algum exemplo de oração para que o seu vídeo, mesmo sendo curto, pudesse atingir o seu objetivo de responder à pergunta.

Grosfoguel (2016, p. 29) afirma sobre a metodologia cartesiana: “[...] que o desmoronamento da pretensão de um ‘Eu’ capaz de produzir certeza em um conhecimento isolado nas relações sociais com outros seres humanos” é marcado pela simplificação e redução de saberes complexos, mas que, ao fim e ao cabo, tem por objetivo a precarização do conhecimento e, em última instância, o epistemicídio. No exemplo em tela, mesmo que a interação social esteja sendo mediada por uma plataforma digital, ao responder ao questionamento do estudante que busca o saber, o docente precariza sua prática, tornando-a simplificada e superficial. Desse modo,

⁷ Quantidades referentes ao momento da coleta de dados.

evidencia-se a uberização docente através da “naturalização das relações de precarização de trabalho e de vida” (Antunes, 2021, p. 221), já que, aparentemente, o docente não se importa se o objetivo de sua produção *tiktokizada* foi alcançado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização de nossa pesquisa, deparamo-nos com perfis de professores que criam conteúdos educativos voltados para o ensino de uma área do conhecimento específica, com a intenção de obter notoriedade, ampliação de clientes e vendas de cursos ou aulas particulares. Tudo isso, através de seus vídeos curtos produzidos para a plataforma *TikTok*. A partir dessas produções na rede social, o consumo do discente que acessa esses conteúdos com o objetivo de aprender sobre um determinado tema é massificado e algoritmizado pelo poder de extração de dados que a plataforma possui, entregando ainda mais conteúdos que fazem parte da mesma premissa e apresentando anúncios sobre cursinhos *on-line*, *workshops*, etc., mas sem, de fato, atingir o objetivo último do ensino de qualidade.

O *TikTok* opera na lógica da uberização do trabalho docente quando coloca o profissional na posição de precarizar o seu trabalho e ensino, adequando-se ao formato de uma plataforma que não lhe garante remuneração, apenas a incerta possibilidade de monetização do conteúdo produzido pela ampliação de clientes.

É importante ressaltar que, na análise dos enunciados, nosso objetivo estava totalmente voltado para a observação e apontamento das marcas da colonialidade do ser e da algoritimização da vida que tem ocorrido pela *tiktokização* e uberização do trabalho docente que, em última instância, está intrinsecamente relacionado à precarização e o desmantelamento da educação nas últimas décadas.

Nesse sentido, entendemos que o *TikTok*, pelo menos no caso específico desta pesquisa, pode ser considerado como mais uma criação do capitalismo que aliado à algoritimização e à lógica do mito da modernidade eurocentrada e colonial, reciclam e camuflam antigas práticas de exploração de trabalho através das NTIC, para esconder, de “forma engenhosa”, e apagar a “importância que a espacialidade tem para a produção do discurso”, o da matriz colonial (Maldonado-Torres, p. 351).

Concluimos que, com a precarização da vida, que inclui da vida docente, e o já em curso processo de precarização do trabalho com a perda de direitos, o projeto oculto de emburrecimento programado através do currículo escolar (Gatto, 2019), a

falácia do empreendedorismo social, a implantação cada vez mais agressiva de políticas neoliberais, etc., os futuros docentes tenham condições e sabedoria para reverter esse quadro sombrio e continuar esperando (Freire, 1992).

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020, 333 p.
- BACON, Francis. **Novum Organum Scientiarum**. Tradução de José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Acrópolis, 1620, 254 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALLESTRIN, Luciane. Colonialidade e Democracia. **Revista Estudos Políticos**, v. 5 n. 9, 2014, p. 191-209, <https://doi.org/10.22409/rep.v5i9.38830>
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Colonialismo de dados: Como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021, 212 p.
- COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. **The costs of connection: How data is colonising human life and appropriating it for capitalism**. Stanford: Stanford University Press, 2019.
- DEBRAY, Régis. **Curso de midiologia geral**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1993.
- DESCARTES, Rene. **Discurso do método: Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2002.
- GATTO, John Taylor. **Emburrecimento programado: O currículo oculto da escolarização obrigatória**. Tradução Leonardo Araújo. Campinas, SP: Kirion, 2019.
- GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1997.
- GROSFUGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: Racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n.1, 2016, p. 25-49.
- LANDER, E. **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do ser. In SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra, Portugal: Editora Almedina, 2009, p. 337-382.

PARISER, Eli. **The filter bubble: What the internet is hiding from you**. New York: The Penguin Press, 2011.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 117-142.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder e classificação social**. In SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra, Portugal: Editora Almedina, 2009, p. 73-117.

RUIZ, Castor Bartolomé. Algoritmização da vida: A nova governamentalização das condutas. **Revista IHU ideias**, vol. 19, n. 314, 2021

SÁ, Rubens Lacerda. Grounded Theory e os estudos de linguagem: Uma releitura. **Revista Interdisciplinar em Estudos da Linguagem**, vol. 1, n.1, 2019, p. 88-114. <https://doi.org/10.29327/2.1373.1-15>

SÁ, Rubens Lacerda. Ética, decolonialidade e migração à luz do pensamento freireano, **Revista Práxis Educacional**, vol. 17, n. 47, 2021a, p. 44-65. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i47.8739>

SÁ, Rubens Lacerda. Grounded Theory em diálogo transdisciplinar com os estudos de linguagem. In PAIVA, Francisco Jaimes Oliveira; SILVA, Eduardos Dias (Orgs.). **Estudos da Linguagem: Interfaces na linguística, semiótica e literatura em perspectiva**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021b, p. 11-32.

SÁ, Rubens Lacerda. Metodologias arqueológicas para o pesquisador social. **Revista Diálogos em Educação (REDE)**, v. 4, n. 2, julho-dezembro, 2023, p. 1-26.

SALESFORCE. (n.d.). Desvendando os cookies: Uma receita para transformar a experiência on-line. Disponível em <https://www.salesforce.com/o-que-sao-cookies> Acessado em novembro, 2022.

SANTOS, Clécia Dantas (2020, janeiro 20). **Uberização do trabalho na América Latina: Os entregadores delivery na pandemia**. Latinoamerica em foco.

SANTOS, Clécia Dantas; Silva Neto, João Caetano. **Uberização docente: Marcas da colonialidade na Educação**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, 2022.

SILVA, Amanda Moreira. A uberização do trabalho docente no Brasil: Uma tendência de precarização no século XXI. **Revista Trabalho Necessário**, v. 17, n. 34, 27 set. 2019, p. 229-251.

TIKTOK. (2023, April 5). **Política de privacidade.**

TIKTOK. (n.d.). **About TikTok.**

TRIVINHO, Eugênio. Introdução à dromocracia cibercultural: contextualização sociodromológica da violência invisível da técnica e da civilização mediática avançada. **Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia**, n. 28, 2005, p. 63-78.

VERRUMO, Marcel. **História bizarra da literatura brasileira.** São Paulo: Editora: Planeta, 2017, 328 p.